

● ENTREVISTA

Carreiras nos objectivos para o Baltazar Dias

Sandra Nóbrega, directora do TMBD

PAULA HENRIQUES
phenriques@dnnoticias.pt

Hoje abrem oficialmente as celebrações dos 130 anos do Teatro Municipal Baltazar Dias. Sandra Nóbrega, a directora, falou da sua casa. O que a levou a aceitar o desafio de gerir o Teatro? Quando o presidente me convidou, eu achava que estava tudo feito, estava tudo organizado. Mas o que é que eu vou para lá fazer? Foi o que eu achei. E realmente, na altura, fiquei muito apreensiva porque a cultura estava ocupada por pessoas da cultura.

Mas houve qualquer coisa que a fez aceitar. Eu gosto de desafios. Eu sou uma pessoa muito energética, sempre tive esta vontade de mundo e adoro pessoas. E foi sobretudo o desafio. Chegou cá, o que é que encontrou? A primeira coisa, foi um choque. Vinha de uma equipa de alta rotação para pessoas que nem correio electrónico tinham. O Teatro não tinha sequer computadores, as pessoas não comunicavam por

computadores, não havia comunicação, muitas vezes não sabiam o que é que ia acontecer no dia seguinte. Encontrei uma agenda também muito preenchida, tinha eventos todos os dias e vários eventos por dia. O Teatro acolhia quando cá cheguei, não havia programação. Foi realmente gerir o que estava e começar a programar 2016.

Com o que encontrou, ou que é que se propôs a fazer? A primeira coisa que nós vimos foi de facto que não havia um raider técnico. Como é que tu podes vender um teatro se não tens uma raider técnico a dizer a medida do palco, quais são as varas... Isto foi todo trabalho de equipa, o grande mérito desta revolução do Teatro, foi sobretudo uma equipa de estagiários, onde nós, juntos, construímos tudo o que está a acontecer agora.

Começámos por criar o tal raider técnico e um site. Afastámos aquele logo que estava associado ao Café do Teatro e às festas e tentamos



GERIR UM TEATRO MUNICIPAL COM HORÁRIO DE FUNÇÃO PÚBLICA É MUITO DIFÍCIL

mos realmente nos demarcar. Com eámos no site, o Facebook, o Instagram e o Twitter e a newsletter.

2015 foi para arrumar a casa? Foi gerir o que nós tínhamos da melhor forma, fazer equipas e ouvir as pessoas. Foi ouvir todos os colaboradores e perguntar o que fazem e o que gostariam de estar a fazer.

Que ideia ficou desse primeiro contacto? Achei que estavam um bocadinho sem liderança. Sabiam as tarefas, mas depois não havia aquela liderança. Não se aplicavam, não se envolviam.

Não 'vestiam a camisola'? Eles vestiam. O que se passa é que muitas vezes não lhes era explicado. Eu acredito que tu tens de dizer às pessoas porque é que elas vão fazer o que vão fazer. Isto perde-se muito tempo, mas é um investimento nas pessoas.

Uma das coisas que se falava na altura era da inflexibilidade que havia. Sentiu isso? Sim. Sobretudo quanto tu queres fazer coisas e toda a gente diz 'não pode fazer porque isso não é horário de função pública'. Gerir um teatro municipal com horário de função pública é muito difícil. Nós perguntámos às pessoas qual o horário que queriam fazer dentro deste limite, ainda tentámos através da bolsa, mas as negociações com os sindicatos, aquilo não correu lá muito bem. Disse, o k, va-

mos fazer a gestão com o que temos. Estabelecemos um horário das 9h às 17h30 e outro das 15h às 23h. O que é que temos de fazer? Mais comunicação. Fazemos reuniões semanais.

Já concretizou tudo o que queria? Eu tenho muitas ideias. Um dos meus maiores sonhos é ter uma equipa de actores profissionais.

O que permitiria essa companhia? O que eu gostava muito é que estes jovens actores que têm de ir para os seus trabalhos ganhar dinheiro para poderem sobreviver e fazer teatro à noite, pudessem viver de um ordenado de teatro e pudessem criar e programar teatro. E depois esta companhia, que trabalharia aqui, ia por exemplo pegar nas peças do Baltazar e levar em itinerância pela ilha e ao continente. Gostava muito também que os nossos actores, as nossas companhias e os nossos músicos pudessem ir tocar lá fora.

Mais do que o orçamento, o que o Teatro precisa é de ter carreiras. Nós não temos. Os electricistas deviam ser técnicos de luz, a camareira devia ser camareira, mas a carreira é administrativa. Eu própria sou chefe de divisão. Esse seria o meu maior sonho.

O que responde às pessoas que criticam a abertura do Teatro a todos? O Teatro é um teatro municipal, no início fez parte de uma estratégia de abertura de portas, e tem a ver com a minha forma de gerir a coisa pública e com esta vereação. Eles acreditam verdadeiramente que a cultura tem de ser para todos e a prova disso foi não só a abertura das portas, como o apoio às actividades de interesse municipal. No ano de 2016 tivemos 40 pedidos de apoio, de investimento. No ano passado tivemos 76. Isto é sinal que as pessoas sentem que são parte activa da cultura da sua cidade.

Fazer com que a cultura chegue a todos passa por deixar que todos usem o palco? Não, não. Há muita coisa que nós não agendamos.

O pedir às pessoas que façam projectos é mais longe que conseguem ir em termos de programação? Ou a ideia é ter um programa próprio? Nós já temos. Toda a programação do Teatro de Março foi com o investimento da Câmara.

Desafios feitos às pessoas? Sim. Nós estamos a investir na criação. Neste momento a CMP paga cachês

e materiais, transporte, viagens.

Há coisas que não devem vir ao Baltazar. E o que é que nós fazemos? Programamos para outros espaços. Há pequenos grupos que vêm ter connosco, 'Ah, gostávamos de tocar'. É importante terem um espaço onde encham a casa. Nós neste momento temos a Música nos Museus.

Estão a transferir parte dos programas para outros lugares. E como é que fazemos? Não os deixámos à bilheteira, pagámos os cachês dos espectáculos. Nós já estamos a programar a cultura dentro da cidade.

Quando se fala da construção de uma nova sala, o Teatro sairá a ganhar, ou de alguma maneira perderia algum bilhete? Não. O Teatro nunca vai perder o seu brilho. As carpetes vão agradecer, porque realmente a gente nota que tem muita gente, começam a ficar rotas. Eu acho que não, porque programar cultura é programar de acordo com os espaços. Mas faz falta e nós já estamos a trabalhar para isso, um dos projectos desta Câmara e que o Matador tenha uma sala de espectáculos para 600 pessoas.

E em termos de obras, como está o Teatro? Temos estado a fazer aos poucos. O palco está a ser recuperado à segunda e terça-feira pela Divisão de Edifícios. Reforçámos o palco, colocámos uma viga muito forte, preocupava-me. As casas de banho... Agora gostava muito de mudar estes camarotes. Se for para reformular todos, no mínimo, três meses o Teatro tem de estar fechado. Estamos a recuperar aos bocadinhos porque a cidade precisa dele.

Esta festa também é sua? Vou confessar uma coisa, eu nunca consigo fruir verdadeiramente dos espectáculos, estou sempre preocupada se tudo está a correr bem.

Alguma vez lhe disseram 'não pode, isso é muito caro'? Já (risos). O meu sonho era trazer uma ópera e estivemos em negociações para o Macbeth. Não conseguimos trazê-lo por causa da nossa teia, é toda em madeira e não aguentava a maquinaria.

Os seus planos são para ficar aqui até quando? Isto é muito desgastante, é muita pressão. Eu amo esta casa, de paixão, este teatro. Mas é uma grande responsabilidade. A minha ideia é sobretudo pôr o Teatro nas suas carreiras, conseguir recuperá-lo e ter pessoas a cuidar dele e depois ir fazer outras coisas.